
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

LITERATURA E TECNOCULTURA

Barbara Cristina Marques¹ (UEL)
e Alex Martoni² (PUC-Minas)

“A vida imita o vídeo”
(Humberto Gessinger | “Somos quem podemos ser” | 1988)

Em *O mundo codificado*, Vilém Flusser, certamente um dos pensadores mais relevantes da segunda metade do século XX no Ocidente, apontou considerarmos a “história da humanidade como a história da fabricação”. Para essa suposição, seria o caso de distinguir, segundo ele, os “seguintes períodos: o das mãos, o das ferramentas, o das máquinas e o dos aparelhos eletrônicos (*Apparate*)” (Fluser 2007: 36). Essa anotação de Flusser oferece um caminho consoante à proposta desse dossiê tendo em vista as noções de literatura, técnica e cultura. Para além de uma arqueologia do mundo moderno intuída nas mídias, interessa-nos compreender a partir de algumas hipóteses o modo como o que entendemos por literatura vem construindo trajetórias, desde o século passado, cuja emergência do sentido tem encontrado nas materialidades dos *media* um lugar mais relevante (democrático, talvez?), dado o redesenho aparelhístico da vida humana e como a cultura comportou os fenômenos midiáticos. Que as produções literárias se constituem de superfícies fronteiriças, de deslocamentos e, portanto, das implicações do ex-cêntrico – herança secularizada da relação entre as artes –, não sugere mais um horizonte novo quando estamos diante de um rumor do mundo tecnológico sem muita negociação. Queiramos ou não, os aparatos técnicos e suas metáforas produzem passagens constantes de um estar dentro e fora simultaneamente porque a temporalidade dos meios não coaduna com o tempo ilusoriamente histórico e linear. Não há como pensarmos mais em extremidades. Talvez, a pergunta que devamos nos fazer de saída a fim de contrastar algumas poéticas articuladas nos regimes dos meios tecnológicos tenha endereçamento na compreensão do literário. Longe de retornarmos às acepções cambaleantes em torno da natureza da literatura, teremos mais sorte se tentarmos compreender a relação sensível da produção literária com as mídias. Uma boa interface para iniciarmos

¹ barbaramarques@uel.br - <http://orcid.org/0000-0002-6794-4423>

² alekzmartony@hotmail.com - <https://orcid.org/0000-0001-5066-468X>



a apresentação desse dossiê está em “Abertura” do livro de García-Canclini – *Leitores, espectadores, internautas*:

Você está dirigindo o carro enquanto ouve um áudio-livro e é interrompido por uma ligação no celular. Ou você está em casa, sentado numa poltrona, com o romance que acabou de comprar, enquanto na televisão ligada à espera do noticiário passam um anúncio sobre as novas funções do iPod. Você se levanta e vai até o computador para ver se compreende essas novidades que não estão mais nas enciclopédias de papel e, de repente, percebe quantas vezes, mesmo para procurar dados sobre outros séculos, recorre a esses novos patrimônios da humanidade que se chamam Google e Yahoo. Você está lendo um livro que começa evocando outro, de Italo Calvino, que se iniciava assim: “Você vai começar a ler o novo romance de Italo Calvino, *Se uma noite de inverno um viajante*. Relaxe. Concentre-se. Tire da cabeça qualquer outra idéia. Deixe que o mundo que o rodeia se esfume no indistinto. Melhor fechar a porta; do lado de lá, a televisão está sempre ligada. (García-Canclini 2008: 11)

Nesse exercício imaginativo, García-Canclini encontra, a partir de uma cena do cotidiano comum, para migrantes ou nativos digitais, um modo bastante legítimo de expressar uma espécie de ecologia técnica à qual a vida se rendeu. Se é verdade que fomos convertidos ao modo funcionário dos aparelhos, como pensou Flusser ainda na década de 1960, a produção literária e seu consumo assumiram dramaticamente o narcisismo tecnológico no século XXI. Todos os gestos descritos por García-Canclini podem ser tomados, em última instância, como metáfora poderosa da (re)materialização do mundo ou dos limiares da cultura, cujo ruído entre a modernidade letrada e as formas ritualizadas tecnoculturais tensiona o agenciamento perceptivo/corpóreo de nossas experiências estético-políticas no campo social. O que nos parece pungente nessa paisagem pouco visionária (hoje) de García-Canclini afina-se ao pensamento endiabrado de Flusser quanto ao assustador tempo pós-histórico constelado na assimetria e absolutamente desobediente a qualquer desenho em linha reta.

Na perspectiva que nos cabe aqui – Literatura e tecnocultura –, partimos da presuposição da instância “literatura” enquanto fenômeno manifesto e dado à leitura. Se há leitura, é provável haver escrita. Ora, essa reflexão soa bastante rudimentar, mas, muito timidamente, reporta a lucidez de Flusser quanto à possibilidade de um futuro sem “chão” para a escrita (Flusser 2010). Em movimento rizomático, o leitor de García-Canclini segue um (des)continuum devir técnico a partir de uma experiência que radicaliza, de um lado, a ubiquidade dos meios tecnológicos, e, de outro, a separação do corpo sensorial e perceptivo do sujeito com a leitura.

Se literatura e ficção podem se encontrar em um regime comum, certamente, a maior obsessão expressivo-ficcional de escritores/as dos séculos XX e XXI espelhou as marcas de uma cultura tecnológica implicada nos corpos. É imprudente, no mundo atual, falarmos de linguagem e produção literárias sem a conformação das mídias. Tal afirmação pode sugerir um aparecimento novidadeiro como se a história da cultura não fosse também a história da técnica. No entanto, a fim de evitarmos o determinis-

mo tecnológico, podemos adotar um caminho mais iluminado que seja justamente aquele do imponderável, ou, como tem proposto Hernán Ulm (2021), na ordem de um “devir artístico”. Levantando hipóteses sobre o modo como os aparatos técnicos agenciam os corpos e produzem rituais perceptivos, Ulm nos oferece um horizonte epistemológico para a compreensão das relações entre arte e tecnologia:

los rituales de la percepción indagan la necesidad aleatoria que hizo nacer tal o cual aparato, y preguntan tanto por el sentido de las metáforas que este presenta, por los gestos que nos exige, por las configuraciones agenciadas en las que tuvo su lugar y por el cuerpo que nos hemos debido inventar como por las subversiones que promete, las inversiones que permite, las incongruencias de las que es capaz. Los aparatos, gestos y metáforas constituyen zonas de combate, umbrales de un pasaje en el que arte y técnica se disputan la configuración política de lo sensible. (2021: 56-57)

Seria urgente, portanto, profanarmos os dispositivos, como sugere Agamben (2009)? A literatura, tanto quanto outros fenômenos artísticos, estaria sob uma estética do desvio ao se apropriar culturalmente dos aparelhos (Flusser 2017) e construir um mundo mais experimental na vigência de uma percepção mais afeita ao sensível? Pensar em literatura e tecnocultura exige de nós o discernimento de que as materialidades dos meios técnicos não apenas exibem forças expressivas distintas como também incitam o imaginário coletivo voltado a uma sintaxe dos aparatos. Os processos de desenvolvimento da escrita, desde a máquina de escrever até a IA de computadores, tanto quanto todos os outros sistemas maquínicos e digitais de interação e hibridização com os textos literários, operaram mudanças radicais no próprio estatuto da linguagem, nos modos de registro e sistemas de notação (Kittler 2017). Como reagir, hoje, à provocação de Mallarmé: “o mundo existe para acabar num livro”? Não sabemos! A par de uma possível resposta oferecida por Kamper, podemos nos render à potência da vida dos *media* em favor de uma compreensão de nossa história cultural. “Que se guarde pelo menos o seguinte: o escrever é sempre incalculável; o ver é sempre indescritível; o ouvir tange ao invisível; o sentir é inaudito” (Kamper 2018: s/n).

Os artigos reunidos neste volume oferecem ao leitor uma perspectivação das formas como o horizonte tecnocultural contemporâneo vinca profundamente as práticas de criação literária. Nesse sentido, um problema recorrente consiste na busca de modos de apreensão conceitual de fenômenos que esgarçam as linhas imaginárias que até então circunscreviam as formas literárias. No artigo “Transliteracidad: materialidades expandidas de la literatura contemporánea en el contexto de la tecnocultura”, por exemplo, María Andrea Giovine Yáñez propõe o emprego da categoria *transliteração* como forma de descrição de práticas de escrita e leitura que deslizam incessantemente entre diferentes meios e signos, expandindo a própria noção de letramento. Em grande medida, esse fenômeno destacado pela pesquisadora mexicana encontra ressonância em dois estudos de caso reunidos neste volume. No primeiro, intitulado “Tróíades, de Guilherme Gontijo Flores: iconotexto e poema mixmídia”, no qual Sandro Adriano da Silva e Maurício César Menon refletem sobre os processos

intersemióticos e intermediais envolvidos na articulação que a obra em análise realiza entre textos e fotografias. O segundo é “A tuitertura escrita por meio de fios: notas sobre o gênero tuiteromance”, por meio do qual Denílson Patrick Oliveira Silva e Vinícius Carvalho Pereira buscam pensar sobre os novos potenciais expressivos oferecidos pela flexibilidade e interatividade próprias às textualidades digitais. Nesse sentido, as narrativas se tornam uma experiência multimodal, “icônico-vídeo-verbal”, na fórmula proposta pelos autores.

Uma segunda questão recorrente no estudo comparado entre literatura e tecnocultura consiste na inquirição dos modos como os dispositivos tecnoculturais operam sobre os processos perceptivo-cognitivos, influenciando, em última instância, sobre a própria forma como o imaginário concebe as técnicas de produção de imagens. Esta é, a propósito, a questão fundamental levantada por Paula Dittborn no artigo “Podemos recordalo por ud.: visión y medios en Philip K. Dick”. Para a autora, os contos e romances do escritor norte-americano, assim como suas adaptações para o cinema, engendraram um certo imaginário especulativo tanto sobre algumas tecnologias de produção de imagens, como hologramas e videochamadas, quanto acerca do desenvolvimento de meios técnicos que nos permitiriam acessar imagens mentais, como sonhos e recordações.

Em relação prismática à questão levantada por Dittborn, Fernando Pérez Villalón, no artigo “Imágenes de lo imaginable: medios imaginários y tecnologia digital en el cine”, analisa como um conjunto de dispositivos técnicos imaginários presentes em alguns filmes de ficção científica borram as fronteiras epistemológicas que definem mídia, corpo e subjetividade. Os problemas concernentes às relações entre o orgânico e o maquínico também ganham centralidade em “As mídias como extensões do corpo: duplos, próteses e descorporificação em *Consumidos*, de David Cronenberg”. No artigo, Gustavo Ramos de Souza se debruça sobre o primeiro romance do realizador canadense a fim de especular em que medida os processos de agenciamento da percepção operados pelas mídias funcionam muito mais do que próteses – extensões do homem, na conhecida proposição macluhiana –, mas como um meio de descorporificação total dos indivíduos. Por fim, as relações entre corpo e tecnologia também são objeto de investigação do artigo “Mudanças tecnoculturais no ato da leitura: tema e horizonte em *Kentucky Route Zero*”, de Natalia Corbello e Lilian Cristina Marins. Nele, as autoras realizam uma importação da teoria da recepção de Wolfgang Iser para o domínio dos game studies com o fito de colocar em relevo o papel desempenhado pelo leitor-jogador nos processos de produção de sentido em obras multilíneas próprias ao ambiente digital

Além desses sete artigos, este volume também oferece ao leitor, na seção Vária, traduções de textos de dois autores cujas obras se tornaram paradigmáticas nas discussões sobre as relações entre literatura e tecnocultura, a saber, Walter Benjamin e Hans Ulrich Gumbrecht. Do primeiro, publicamos o ensaio “O caráter destrutivo”, na tradução de Alberto Klein, no qual o filósofo alemão busca pensar as várias dimensões do gesto de destruição, com especial atenção à sua potência revolucionária radical no âmbito da sociedade moderna. Já do segundo, apresentamos o artigo “Ritmo

e significado”, na tradução de Greicy Pinto Bellin e Ana Paula Costa de Oliveira Pado-
vino. Publicado em *Materialität der Kommunikation* (1988) e, depois em inglês, em
Materialities of communication (1994), trata-se de um ensaio-chave para se compre-
ender o próprio desenvolvimento teórico do trabalho de Gumbrecht, uma vez que,
ao problematizar as funções do ritmo e suas relações com o corpo e seus estados de
engajamento afetivo, prefigura-se a intuição daquilo que, na década seguinte, o crítico
chamará de *produção de presença*.

Ao fim e ao cabo, lidos em conjunto, os artigos reunidos neste volume nos per-
mitem revisitar a hipótese flusseriana de uma história da humanidade como história
da fabricação, uma vez que colocam em evidência como um conjunto de processos
inerentes às práticas literárias, como corpo, escrita, leitura, imagem e imaginário, são
indissociáveis de suas condições tecnoculturais de produção.

OBRAS CITADAS

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? O que é o contemporâneo? e outros en-
saíos. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009. 25-54.

FLUSSER, Vilém. *O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação*.
Trad. Raquel Abi-Sâmara. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FLUSSER, Vilém. *A escrita – Há futuro para a escrita?* Trad. Murilo Jardelino da Costa.
São Paulo: Annablume, 2010.

FLUSSER, Vilém. *O último juízo: gerações II: castigo e penitência*. Rodrigo Maltez Nova-
es e Rodrigo Petronio, orgs. São Paulo: É Realizações, 2017.

GARCÍA-CANCLINI, Néstor. *Leitores, espectadores e internautas*. Trad. Ana Goldber-
ger. São Paulo: Iluminuras, 2008.

KAMPER, Dietmar. *Mudança de horizonte: o sol novo a cada dia, nada de novo sob o sol,
mas*. Trad. . São Paulo: Paulus, 2016.

KITTLER, Friedrich. *A verdade do mundo técnico: ensaios sobre a genealogia da atuali-
dade*. Hans Ulrich Gumbrecht, org. Trad. Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contrapon-
to, 2017.

ULM, Hernán Rodolfo. *Rituales dela percepción: artes, técnicas, políticas*. Ciudad Au-
tónoma de Buenos Aires: Livros UNA, 2021.